

Operação anticrise

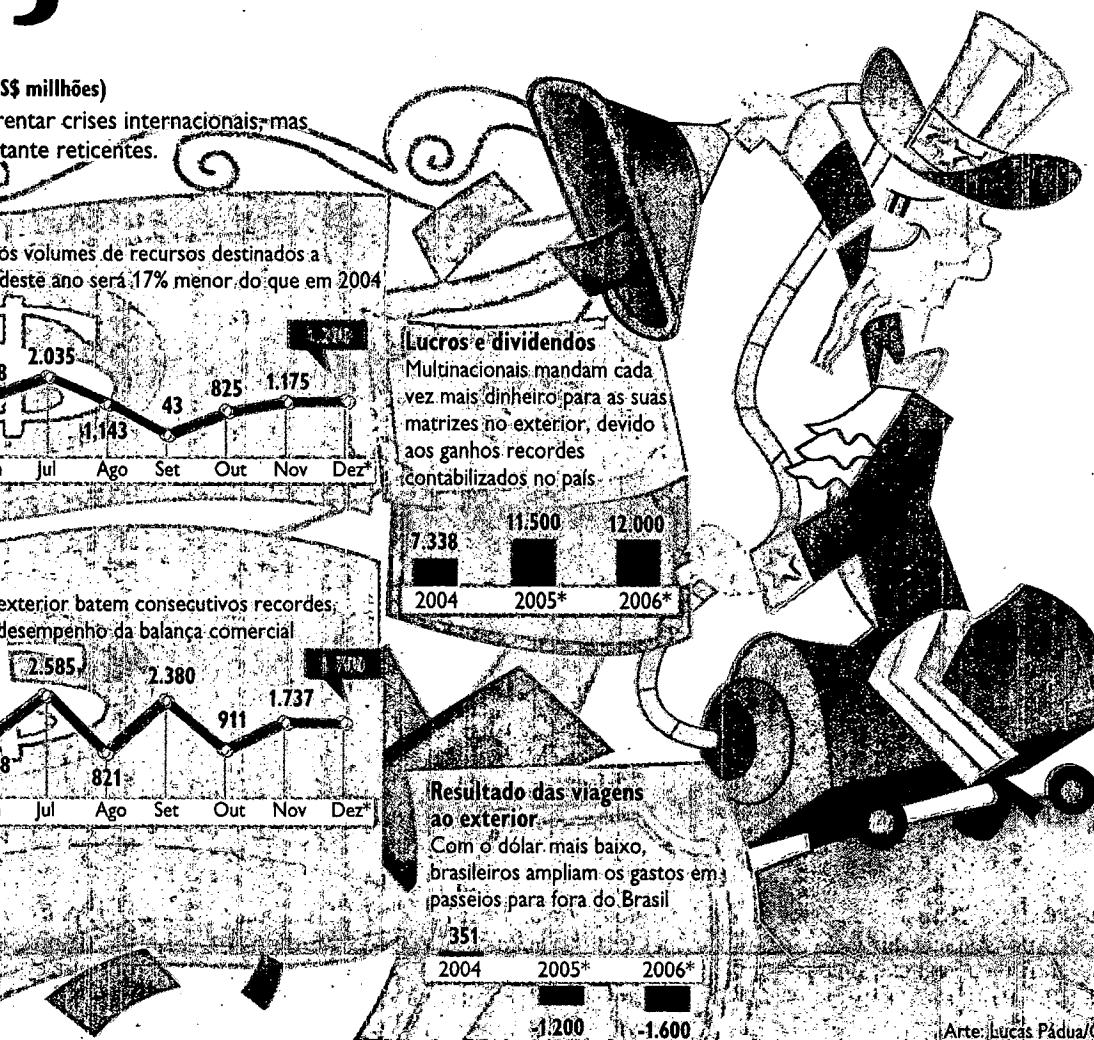
VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A desconfiança provocada pela crise política e o menor ritmo de crescimento da economia tiveram forte impacto em dois importantes indicadores das contas externas brasileiras: as remessas de lucros e dividendos e os investimentos estrangeiros diretos. Segundo informou ontem o Banco Central, entre janeiro e novembro deste ano, as multinacionais enviaram a seus países de origem US\$ 10,5 bilhões, volume 61,5% superior ao registrado no mesmo período de 2004. A se confirmarem as previsões do BC, essa rubrica encerrará o ano com saídas recordes de US\$ 11,5 bilhões. O auge dessas remessas se deu entre junho e setembro, o pico das denúncias de corrupção envolvendo o governo e o Congresso.

Nos investimentos diretos, destinados ao setor produtivo, os estrangeiros se mostraram mais arredios principalmente em setembro e em outubro, quando apenas US\$ 868 milhões aportaram no Brasil — tradicionalmente, os investimentos mensais passam de US\$ 1 bilhão. Ou seja, as multinacionais não só anteciparam as retiradas de lucros do país, como retraíram as aplicações em novos empreendimentos. De janeiro a novembro, os investimentos diretos somaram US\$ 13,8 bilhões, com queda de 17% frente ao mesmo período do ano passado.

Como a perspectiva do BC é de que os estrangeiros entrem com mais US\$ 1,2 bilhão em dezembro — até ontem, o saldo do mês estava em US\$ 600 milhões —, os investimentos diretos en-



PIB: SÓ 2,48%

Pela sétima semana consecutiva, o mercado financeiro reviu para baixo as suas estimativas de crescimento para este ano. Agora, o consenso é de que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) seja de apenas 2,48%. O economista-chefe da Corretora Concórdia, Elson Teles, acredita, que há espaço para um novo recuo. "Este ano, o PIB ficará mais perto de 2% do que de 2,5%", assinalou. Teles destacou que o ponto positivo das estimativas de cerca de 100 analistas foi a estabilidade nas taxas de inflação deste ano e de 2006, que se mantiveram em 5,68% e 4,50%, respectivamente. Ele destacou que, se a ata do Comitê de Política Monetária (Copom) a ser divulgada na quinta-feira vier mais flexível, certamente os juros vão cair 0,75 ponto percentual em janeiro e não 0,5 ponto como ainda prevê o mercado. (VN)

cerrão o ano em US\$ 15 bilhões, US\$ 1 bilhão abaixo das previsões do governo e US\$ 3 bilhões a menos que em 2004. Isso significa dizer que, do total dos investimentos diretos que entraram no Brasil, 77% (US\$ 11,5 bilhões) vão deixar o país por meio das remessas de lucros e dividendos.

Normalidade

O fato, porém, de os dólares entrarem por uma porta e saírem

por outra — o ideal, segundo os economistas, seria que os lucros das multinacionais fossem reinvestidos no país — não preocupa o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes. Primeiro, disse ele, porque o efeito da crise política já passou, pois as remessas e os investimentos já voltaram para seus níveis normais. Segundo, porque, no consolidado, as contas externas do país vivem seu melhor momento

desde 1947, quando o BC passou a fazer esse tipo de levantamento.

As transações correntes, que incluem as exportações, as importações, os gastos com serviços e juros e as transferências para o país de recursos de brasileiros que vivem no exterior, fecharão o ano em US\$ 15,4 bilhões, o correspondente a 2% do Produto Interno Bruto (PIB). Um marco histórico. Nos onze primeiros meses do ano, as transações correntes totaliza-

ram US\$ 13,7 bilhões — um aumento de 30% em relação a igual período do ano passado. "Esse resultado deve ser creditado, sobretudo, às exportações, que, ao longo do ano, surpreenderam sempre para cima", destacou.

Com a conta de transações correntes tão positiva, a sobra de dólares no mercado foi grande, o que empurrou para baixo as cotas do dólar, mesmo com o BC tendo comprado US\$ 17,5 bi-

lhões entre janeiro e novembro. A moeda americana mais barata estimulou o brasileiro a retribuir as viagens para o exterior. O resultado disso foi que a conta viagem deve fechar o ano com déficit de US\$ 1,2 bilhão — dos quais US\$ 821 milhões até o mês passado. Em 2004, com os brasileiros ainda retraídos ante a força demonstrada pelo dólar, a conta viagem ficou positiva em US\$ 351 milhões.